

MIMETIZAÇÕES DO FEMININO NO CONTO DE FADAS CINDERELA (1697): O MODELO FICCIONAL PERFEITO IMPOSSÍVEL DE SER SEGUIDO

Antonio de Oliveira Pinto Junior¹

Resumo: A pesquisa bibliográfica desenvolvida neste artigo se propõe a analisar de que forma a imagem social da mulher é mimetizada nos contos de fadas; mais especificamente no conto “Cinderela”, cuja versão mais conhecida é a do francês Charles Perrault (1697), à qual se baseia no popular conto italiano La Gatta Cenerentola (A gata borralheira) (S.d) e na versão chinesa, a mais antiga registrada, que se tornou conhecida por volta dos anos 860 a.C. Intenta-se, com esta pesquisa, observar como a literatura apresenta arquétipos femininos ora reais, ora inalcançáveis através de contos de fadas — dito como uma das primeiras referências literárias para as crianças. É projetado, também, analisar o porquê as mulheres são sempre alvo de imposições comportamentais e espécie de molde para hábitos socialmente aceitáveis. Para tanto, este estudo fundamentar-se-á em Todorov (2009), Candido (2014), Carvalho (2009), Ribeiro (2014), Vasconcelos (2002), Eagleton (2010) e outros. A reflexões aqui alcançadas entre a personagem e os papéis femininos não possuem por finalidade esgotar o tema, mas sim abrir portas para outras discussões pertinentes.

Palavras-Chave: Cinderela ou O sapatinho de vidro. Contos de fadas. Charles Perrault. Moral.

¹ Professor Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa e Mestrando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia — DLLARTES. Endereço eletrônico: juniorfrn2013@gmail.com. Artigo conclusivo à disciplina Tradição Oral e Cultura Popular ministrada pela Professora Doutora Edil Silva Costa.

CONSIDERAÇÕES PRIMEIRAS

As obras literárias possuem inúmeros perfis femininos que marcam o leitor. Percebe-se que, ao longo das eras essas personagens marcam o crescimento das mulheres; contudo se constroem a partir de modelos de conduta a serem seguidos — um arauto —, conforme infere Eagleton (2010). A mulher perfeita é a mulher da literatura, mas vale lembrar que ela só é perfeita justamente porque é um ser ficcional — e baseia-se, antes de tudo, num ideal de beleza (normalmente, como se sabe, branca e de olhos azuis), doce e submissa aos padrões sociais patriarcais até mesmo quando demonstra certa autonomia.

Partindo da premissa de que o modelo feminino só é perfeito porque é ficcional nos contos de fadas, este estudo se propõe a analisar o perfil da protagonista do conto de fadas “Cinderela” ou “O sapatinho de vidro” (2011/1697), de Perrault, realçando os moldes e intentos do feminino que se idealizam e se concretizam em tal narrativa. É igualmente importante observar os direcionamentos sociais atrelados à construção da personagem, isto é, o ambiente em que ela está inserida, contextos sociais e culturais do período, o público leitor e suas possíveis influências sobre estes e outros operadores.

Embora possam ser sutis e estar nas entrelinhas, as interdições (aquilo que se quer dizer, mas não de maneira explícita) precisam ser interpretadas pelo leitor. Muitas vezes o sentido do texto não aparece explícito; está interdito. Por isso, é importante salientar a troca entre autor-texto-leitor na inferência das leituras e possíveis interpretações. Neste ponto, Todorov infere que

ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo (TODOROV, 2017, p. 78).

Neste movimento entre autor/texto/leitor é interessante notar como a literatura tem papel importante na formação dos sujeitos. Mais que meras linhas escritas, as obras literárias carregam consigo representações da realidade, do mal e do bem, do modelo e do não modelo, do aceitável e do inaceitável e estes pontos convidam o leitor em suas possíveis leituras interpretativas a fazer parte de um processo autônomo e sutil de identificação.

Ainda sobre esta interação entre leitor e texto, ela é importante neste contexto específico porque é a partir dela que se passa a ser seguido o modelo feminino estabelecido nos contos de fadas. Embora se saiba que é uma diegese e tudo (ou quase tudo nela) é ficcional, o leitor passa a se sentir parte da história ainda que não a vivencie de fato. Este fenômeno pode ter efeito libertador através da identificação com as personagens ou pode despertar outras emoções, já que é este processo algo subjetivo. Aguiar e Bordini salientam que “uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo e o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo” (1988, p. 13).

A este ponto, então, como aporte teórico fundamentador desta pesquisa, Candido (2014), Ribeiro (2014), Eagleton (2010) que teorizam sobre o comportamento feminino na literatura e o papel do leitor são fundamentais para o desenvolvimento deste artigo. Embora não se limite a estes autores, estes são o ponto de partida para tais análises. As produções literárias e seus modelos sociais femininos tendem a ditar a forma de comportamento de diversos grupos sociais, sendo o principal deles as mulheres. Desta forma, instiga-se: existem correspondências possíveis entre o conto de fadas da Cinderela com o mundo real no âmbito dos papéis femininos?

A BELA E GENTIL CINDERELA

De Charles Perrault, “Cinderela” ou “O sapatinho de vidro”² (2011/1697) é um dos contos mais presente na vida dos leitores, não importa a idade dos mesmos. No conto, uma garota descrita como bela e gentil, humilde de coração, órfã (um dos elementos de comoção das obras literárias) se vê aflita quando o seu pai se casa com uma mulher perversa e soberba, mãe de duas outras garotas. Cinderela (apelido lhe atribuído por se sujar nas cinzas da lareira de sua casa) então passa a ser tratada como serviçal. Mesmo diante de todas as humilhações, a protagonista mantém a sua resiliência e humildade, tratando a todos muito bem.

Mesmo resiliente, a Cinderela não se entusiasma quando sua família recebe um convite do príncipe para um baile. Ainda assim, a mocinha se apronta para o tal evento, mas é deixada para trás por sua família má. Instigadas pela volúpia de se casar com o herdeiro, suas irmãs e madrasta deixam-na em casa vestida em seus trajes incompatíveis com a festa. Sem esperanças e arrasada, Cinderela recebe magicamente a visita de sua madrinha que transforma seus trapos em roupas esplendorosas, conforme segue a narrativa: “trajes de brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias. Depois ela lhe deu um par de sapatinhos de vidro, os mais lindos do mundo” (PERRAULT, 2011, p. 24).

Como nada dura para sempre e as moças sempre estão à mercê do tempo, para que tudo corresse bem Cinderela tinha de voltar para casa antes da meia-noite, indicativo este, como inferido, de que as moças deveriam voltar para casa cedo. O baile acontecia em duas noites e na segunda, a mocinha esqueceu-se do seu horário e, na primeira badalada do sino, saiu em disparada

² A partir de agora referido apenas como “Cinderela”.

para casa a fim de não ser vista sem o encanto. Eis, então, que na fuga um dos seus sapatinhos de cristal é deixado para trás. Este elemento foi usado pelo príncipe para encontrar a sua amada nos dias que se seguiram. Por falar neste ornamento, o cristal frágil, Canazart e Souza sugerem que esta é uma alegoria para simbolizar a fragilidade da mulher. Lê-se:

No século XVIII, início da sua repercussão, os contos de fada expressaram em seus conteúdos a distinção de comportamentos de gênero. Era comum que suas personagens retratassem a dominação masculina e a dependência feminina. Assim, enquanto a sociedade estabelecia os estereótipos de gênero masculino e feminino, a literatura perseguia tais padrões sociais, caracterizando a figura feminina como o sexo frágil (CANAZART; SOUZA, 2017, p. 7).

Frágil como um cristal, Cinderela é essa moça que sofre e precisa ser protegida, ao passo que o príncipe, o seu amado e protetor, é construído como uma personagem que manda, ordena e tem todos aos seus pés — vide seus comandos para que todos procurassem por todo o reino pela dona do sapato de cristal, embora eles mesmo fosse o interessado pela donzela. Em cotejo com a realidade, Oliveira e Medeiros (2011) sobre o estudo sociocultural do século XVII, quando o conto começou a circular oralmente, postulam que

sendo uma narrativa oral passada de geração a geração, e posteriormente compilada em diversos países, por diferentes pesquisadores e escritores, o conto maravilhoso guarda em si diversos traços socioculturais que já desapareceram, foram modificados ou persistem com diferentes valores até hoje (2011, p. 23).

De acordo com Eagleton (2010), as mimetizações literárias da mulher vêm de muito antes do período vitoriano inglês. Este modelo diretamente ligado aos costumes europeus, continente marcado pelas monarquias e sua aura real, influenciou o modelo a ser seguido por diversas mulheres contemporâneas à época. É

impossível não notar que a redenção de Cinderela vem do jovem príncipe rico e belo que se apaixonou pela sua fragilidade e pureza. Influenciando massas a serem puras e donzelas, muitas jovens sonharam em achar para si um príncipe protetor e fiel para lhes salvar das mazelas do mundo real. Mais uma vez Canazart e Souza inferem que

Nas obras da Literatura Infantil esses estereótipos [femininos] estão bem reforçados. Há obras literárias que definem o comportamento meigo, as cores claras e ações delicadas como atributos femininos. Já o lado masculino é fortemente representado pelos príncipes e heróis, responsáveis pelos atos de bravura e coragem (2017, p. 17).

Nos séculos XVII, XVIII e XIX era comum que as moças desejassem ser da realeza, ser uma princesa. Mais contemporaneamente, nos dias atuais algumas ainda sonham com isso ao ouvirem contos como o da Cinderela. Aliás, muitas delas já nascem em berços ornados com personagens destes contos. É realmente um refúgio da realidade sombria que pode cercar muitas delas, mas sutilmente é, ainda, um forte modelo diegético a ser seguido. Impossível pois é ficcional (OLIVEIRA; MEDEIROS, 2011).

Atributos principescos, tendo como ponto de partida os contos de fadas, é o mesmo que dizer que a menina deve ser bonita esteticamente falando (isso de acordo com o padrão eurocêntrico), bem vestida (rica ou, no mínimo, fina), doce, gentil e obediente. Já os rapazes devem ser valentes e corajosos, com bravura, corpos padronizados (no modelo grego da coisa, como assinalam Horkheimer e Adorno) e, claro, de família abastada. Todos os demais que fujam à esta regra, são descartáveis.

No caso da Cinderela, embora serviçal, era sempre gentil e educada com todos. Por ser órfã e maltratada, ela precisa desesperadamente de um redentor. Neste sentido,

Analisando o conto Cinderela, é perceptível o enquadramento da personagem principal nos estereótipos femininos reproduzidos social e historicamente. Em toda a história ela é citada como a boa menina, humilde e meiga. [...] O conto da Cinderela termina com o casamento entre o príncipe e a protagonista, o que sugere a ideia do matrimônio como a realização pessoal da mulher (CANAZART; SOUZA, 2017, p. 13).

Destarte, a mulher que segue os moldes impostos de comportamento e se mantém firme naquilo que se espera dela (subserviência), é recompensada com um bom casamento. Com a Cinderela não é diferente; sua vida cercada de agruras torna-se perfeita e feliz após a chegada de seu príncipe redentor. Com a chegada deste marido salvador, o conto se encerra pois não há mais nada a ser declarado.

É fundamental ressaltar que o conto maravilhoso tem caráter moralizante, isto é, através das ações das personagens há sempre uma doutrina a ser seguida. Embora maltratada e com vestes pobres, o seu modelo comportamental irretocável permitiu que ela, ainda assim, se mantivesse em posição de modelo, um arauto. Contudo, a sua beleza física só é notada quando as suas vestimentas se tornam belas e encantadas, de modo a atrair a atenção do príncipe. Não basta seguir o modelo de moral, mas se faz necessário ser bela por fora. Então,

A beleza feminina foi usada como um codificador, ou melhor, um indicador de todas as qualidades de caráter da mulher. Portanto, a mulher deveria demonstrar toda sua virtuosidade na aparência para assim que os olhos do cavalheiro posassem nela, não houvesse dúvidas sobre sua essência, o homem deveria reconhecer imediatamente a virtuosa mulher que ali se encontrava (CARVALHO, 2009, p. 29).

Quanto mais bela, mais virtuosa, infere Carvalho. A beleza física, então, passa a ser indissociável da virtude. Mulheres belas, então, eram tidas como virtuosas e só assim estas se tornariam dignas de seus príncipes. Sim, elas deveriam se tornar dignas dos

homens. Perrault, inclusive, ressalta isso em seu conto de fadas, vê-se:

MORAL:

É um tesouro para a mulher a formosura, que nunca nos fartamos de admirar. Mas aquele dom que chamamos doçura tem um valor que não se pode estimar. Foi isso que Cinderela aprendeu com a madrinha, que a educou e instruiu com um zelo tal, que um dia, finalmente, dela fez uma rainha. Beldade, ela vale mais do que roupas enfeitadas. Para ganhar um coração, chegar ao fim da batalha, a doçura é que é a dádiva preciosa das fadas. Adorne-se com ela, pois que esta virtude não falha (2010, p. 30).

É implícito (não tanto assim) que a grande relíquia das mulheres é a sua moral, a sua conduta. Digno de nota que, no caso da Cinderela, seus bons atributos e resiliência lhe trouxeram o livramento daquela tortuosa prova, a de conviver com sua trágica família e, claro, um bom homem — recompensa mais que suficiente para tornar válida a existência da mulher neste contexto. Este caráter moralizante do conto é muito pertinente na domesticação da mulher já que ultrapassa gerações (VASCONCELOS, 2002).

CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

É nítido o caráter moralizante dos contos de fadas, embora neste estudo se tenha considerado apenas um deles. Contudo, sendo inerente ao gênero, pode-se inferir que contemporâneos ao de Perrault, muitos outros apresentam mesmas características e construção das personagens. As narrativas populares deste cunho trazem consigo um mundo ficcional ideal almejado por seus leitores. Provavelmente leitores que vivam em mundos reais muitíssimo diferentes dos apresentados na diegese.

Ainda que seja quase impossível alcançar os estereótipos apresentados pelas personagens justamente por serem ficcionais, nada impede que estas obras ditem ou influenciem de maneira

sorradeira normas comportamentais e mostrem que se forem virtuosas, as jovens leitoras poderão ter um final “feliz para sempre” como as virtuosas princesas que são milimetricamente construídas para servirem de espelho.

É claro que, conforme teoriza Jauss (1937/1979) a recepção do leitor, que vai certamente variar de indivíduo para indivíduo, irá ditar como o que foi lido será reproduzido. Observar as manifestações sociais e culturais do texto literário é fundamental para que se tenha a percepção do que é ainda socialmente válido ou não. Este artigo, então, não tenciona determinar que há uma ditadura nos contos de fadas e que eles devem ser desprezados, mas que existem modelos explícitos nas narrativas que criam tendências em seus leitores em determinados recortes de tempo e espaço. Claro, aqui se sugere abertura de portas para discussões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANAZART, Karine Camilo; SOUZA, Oziel de. *Esteréotipos de gênero: uma comparação da representação da mulher nos clássicos da literatura infantil do século XVIII com a configuração feminina em obras infantis do século XXI*. *Revista Formação@Docente*. v. 9, n. 1, Belo Horizonte, janeiro/junho, 2017. ISSN 2237-0587.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A Personagem de ficção*. 1 reimpr. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CARVALHO, Renata Zuolho. *Contos de fadas: um percurso histórico-literário das imagens da mulher*. 2009. 142p. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

EAGLETON, Terry. *A Tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton*. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2010.

GIROUX, Henry A. A Disneyzação da Cultura Infantil. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; GOMES, Paola Basso Menna Barreto. *Princesas: produção de subjetividade*

feminina no imaginário de consumo. Dissertação de Mestrado — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz T. da Silva e Guarira L. Lourenço. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (Org.). *A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

OLIVEIRA, Maria do Carmo Almeida de; MEDEIROS, Aldinida. *A representação do feminino em cinderela e senhora: perfis idealizados em convergência*. VII ENLIJE, Campina Grande, ano 1, v. 1, n. 1, p. 1-12, S.d.

PERRAULT, Charles. Cinderela ou O sapatinho de vidro. In: PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN & outros. *Contos de fadas*. Apresentação Ana Maria Machado. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de Papel: Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 3. ed. 2014. [e-book] Paginação irregular.

SANT' ANNA . Affonso Romano. Contação de estórias: vida e realidade. PRIETO, Benita. (Org.). *Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro, 2011. 240p.

SERBENA, C. A. Imaginário, ideologia e representação social. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC)*, Florianópolis, 2003, v. 52.

TATAR, Maria. *Contos de fadas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? In: TATAR, Maria. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.